

Título: Manuel Cícero Peregrino da Silva: um homem público na Primeira República.

Rosane Maria Nunes Andrade

Resumo

O projeto republicano desdobrou-se num conjunto de medidas que visavam garantir o estabelecimento de uma ordem no país e instituir a marca dos novos tempos no campo social e cultural. Os discursos produzidos e as ações desenvolvidas visavam à construção de um país forte e civilizado. Uma das formas de assegurar esses ideais foi à implantação de uma simbologia nacionalista, através da atuação de intelectuais na imprensa e homens públicos como exemplos nacionais de dedicação e desempenho em favor do aprimoramento social e cultural do país. Nesse contexto, o trabalho visa destacar a figura de Manuel Cícero Peregrino da Silva, diretor da Biblioteca Nacional no período de 1900 a 1924, que imprimiu em sua gestão novas técnicas administrativas à Instituição de acordo com os modelos estrangeiros, e estabeleceu relações como os administradores da capital, viabilizando a construção de um novo prédio para a Biblioteca Nacional no espaço remodelado da Avenida Central, atual Rio Branco, em concordância com as reformas urbanas implantadas por Pereira Passos.

Palavras-chave: Biblioteca Nacional; Manuel Cícero Peregrino da Silva; Primeira República

Abstract

The Republican project was unfolded in a set of measures which aimed to guarantee the establishment of a order in the country and to institute the impression of the new times in the social and cultural field. The speeches produced and the actions developed had as base the building of a strong and civilized country. One of the manners to assure these ideals was the implantation of a symbology nationalist, through the performance of intellectuals in the press and public men serving as national exemples of dedication and performance in favor of the country's social and cultural improvement. In this context, this work aims to highlight the figure of Manuel Cícero Peregrino da Silva, the National Library's director from 1900 to 1924 who implanted in his administration new techniques to the Institution according to the foreign models and established relationships with the Capital'a administrators, making possible the construction of a new building for the National Library at the new improved space at the

Avenida Central, current Rio Branco, in accordance with urban reforms implanted by Pereira Passos.

Keywords: National Library's; Manuel Cícero Peregrino da Silva; First Republic

Manuel Cícero Peregrino da Silva nasceu em 1866, na cidade de Recife, em uma tradicional família pernambucana. Foi escritor, professor e bibliógrafo, sendo considerado um dos pioneiros do planejamento da documentação bibliográfica e da formação de bibliotecários no Brasil. Competente administrador, Manuel Cícero conduziu os destinos da Biblioteca Nacional (BN) durante duas décadas. Antes de vir para o Rio de Janeiro, então capital do país, Manuel Cícero fora nomeado para o cargo de bibliotecário da Faculdade de Direito de Recife (1889): “O lugar tinha significação uma vez que era servir junto a uma instituição de alta cultura, e de tanta projeção, pelo qual passaram tantos nomes ilustres” (BITTENCOURT, 1967, p.10). Essa faculdade, desde os seus primeiros anos de existência, funcionava não apenas como um centro de formação de bacharéis, mas, principalmente, como escola de Filosofia, Ciências e Letras; foi onde nasceu o movimento intelectual conhecido como *Escola do Recife*, nos anos de 1860 e 1880, cujo líder era o sergipano Tobias Barreto de Meneses.

No livro *Vida de Manuel Cícero Peregrino da Silva*, Bittencourt Feijó aponta a formação acadêmica de Manuel Cícero como instrumento de aproximação deste com a elite intelectual do país, bem como o círculo de amizades construído na faculdade que colaborou para seu desempenho profissional: “Até meados da República Velha, a Faculdade de Direito era a instância suprema em termos de produção ideológica, concentrando inúmeras funções políticas e culturais”. (MICELLI, 2001, p.115)

Para seu biógrafo, a vida de Manuel Cícero ficará sempre vinculada à imagem de grande administrador do serviço público. Isso pode ser aferido nas palavras expressas por Clóvis Bevilácqua (1893), destacando a competência do novo diretor em organizar a biblioteca:

Realmente era difícil encontrar quem se consagrasse com maior devotamento ao desenvolvimento da biblioteca da Faculdade do que esse inteligente e ilustrado funcionário, a que se deve a transformação, por que passou essa dependência da Faculdade de Direito de Recife, que começou a movimentar-se com freqüência de leitores e ter a vida de relação com os estabelecimentos congêneres.
(BITTENCOURT, 1967, p.16)

Ao se tornar Ministro da Justiça no governo Campos Sales, Epiácio Pessoa convidou Manuel Cícero para assumir a direção da BN, pois já conhecia o trabalho desenvolvido na biblioteca da Faculdade e sua dedicação ao serviço público. A carta, datada de 8/5/1900, dizia:

Cícero, Saúde, etc. Vai vagar brevemente o lugar de Diretor da Biblioteca Nacional. Há uma chusma enorme de candidatos e o Presidente já tem manifestado a sua preferência por um dentre eles. Entretanto é possível, até a última hora, que as coisas se modifiquem e venha a ser nomeado, quem não tenha ainda sido lembrado pelos políticos da terra (...).

Preciso saber se Vc, aceita esse lugar. Não vai nisto uma promessa, pois há muitos nomes em vista, mas enfim, podem as circunstâncias levar-me a intervir no último momento (...).

O lugar é mal remunerado, dá 600\$ por mês, a posição, porém é bonita (...).

Peço-lhe que, logo que receber esta, me telegrafe com uma simples palavra –sim ou não – reservando-se para escrever-me mais tarde. (BITTENCOURT, 1967, p.34)

No dia 30 de julho de 1900, Manuel Cícero foi nomeado Diretor da BN, cargo que exerceu de 1900 a 1924, com intervalos em sua gestão. A *Gazeta da Tarde*, de Recife, em 7/7/1900 p.2, noticiava:

Com destino à Capital da União embarcou ontem, no Olinda, o ilustre Dr. Manuel Cícero Peregrino da Silva, que vai empossar-se do importante cargo de diretor da Biblioteca Nacional, para o qual foi há poucos dias merecidamente nomeado.

Ao chegar no Rio de Janeiro, já como diretor da BN, Manuel Cícero encontrou a biblioteca instalada na rua do Passeio, num prédio antigo com acomodações precárias para o acolhimento do acervo. Em seus primeiros relatórios anuais, expunha a seus superiores a necessidade de um prédio novo, adequado ao crescente acervo da BN:

Não é assumpto em que preciso insistir, o da insufficiencia e má situação do edifício ocupado pela bibliotheca desde 1858. A necessidade de novo edifício impô-se iniludível pela absoluta falta de espaço para accomodação das aquisições e dos volumes que voltam encardendados (...). Só a construção de um edifício apropriado poderá proporcionar à Bibliotheca Nacional a installação que ella com todo o direito reclama. (BIBLIOTECA NACIONAL, 1901)

Assim, que assumiu a diretoria da Biblioteca Nacional, Manuel Cícero ampliou a capacidade do prédio na Rua do Passeio, acrescentando mais prateleiras para receberem novos livros, mandou instalar no prédio um sistema de combate a incêndio, introduziu o uso da máquina de escrever nas correspondências oficiais (1902) - segundo Brito Broca (1975, p.150), a BN era “um dos primeiros estabelecimentos públicos a utilizar esse recurso” - ,

inaugurou a Oficina de Encadernação e a oficina tipográfica onde podia imprimir os Anais da Biblioteca Nacional e os relatórios administrativos.

A capacidade administrativa de Manuel Cícero e seu espírito inovador foram enaltecidos por Brito Broca (1975, p.150): “era um homem inteligente, de grande cultura e muita iniciativa (...) tratou logo de imprimir uma orientação mais esclarecida àquele estabelecimento”.

Manuel Cícero imprimiu transformações na BN procurando igualá-la as melhores bibliotecas estrangeiras e construiu círculo de amizades com os distintos grupos da intelectualidade brasileira. Analisando sua biografia, pode-se perceber os laços entre o indivíduo e a sociedade: “Três nomes são de especial significação na vida de Manoel Cícero: Epitácio Pessoa, Afonso Celso e Amaro Cavalcanti, ver a posição de Manoel Cícero em face deles, é compreender-lhe a vida, e saber como ela se desenrola no Rio de Janeiro”. (BITTENCOURT, 1967, p.55)

Convém situar a época em que Manuel Cícero veio para o Rio de Janeiro a fim de conhecer como ele vivenciou o contexto da época, dando destaque a sua atuação como diretor de uma instituição que começava a sofrer mudanças decorrentes da política vigente no país.

A instalação do regime republicano trouxe várias mudanças no regime político brasileiro e no mundo das idéias e das mentalidades. Foram incorporados os ideais do liberalismo, do positivismo. Essa escola filosófica criada por Augusto Comte procura explicar a história e a sociedade segundo leis científicas e imutáveis, tendo grande influência sobre a geração que proclamou a República. A divisa positivista “o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”, acabou resumida e bordada na bandeira brasileira republicana: Ordem e Progresso (NEVES, 1991, p.19-20).

Além disso, “os positivistas deslumbraram com o advento do novo regime, a possibilidade de exercerem a tutela intelectual sobre a nação” (CARVALHO, 1987, p.24). Esse papel era dado às elites que se nomeavam representantes do projeto de civilização, tendo como missão maior a de civilizar o povo.

O Rio de Janeiro, nos primeiros anos da República, era a maior cidade do país, devido a sua condição de grande centro administrativo, comercial, financeiro, cultural e político. Houve nesse período a concentração no mercado de emprego para os homens de letras. As oportunidades iam desde os simples empregos burocráticos até os cargos de representação, as comissões e as delegações diplomáticas. Segundo Sérgio Micelli (2001, p.79), “o recrutamento dos intelectuais se realizava em função da rede de relações sociais que eles

estavam em condições de mobilizar e as diversas tarefas de que se incumbiam estavam quase por completo a reboque das instituições e organizações da classe dominante”.

As idéias dos intelectuais que produziam seus trabalhos em fins do século XIX foram marcadas pelo sentido de modernidade. Segundo eles, os problemas nacionais, provocados pela ignorância, só poderiam ser sanados por uma reação científica. O projeto era colocar o país ao “nível do século”, superar seu “atraso cultural” e acelerar sua marcha evolutiva a fim de que o Brasil pudesse alcançar a parcela mais avançada da humanidade. “Eles se autodefinem como lutadores, defensores do progresso científico da nação”. (VELLOSO, 1996, p.37)

No período da *Belle Époque*, a grande imprensa dominava a vida intelectual. Acadêmicos, jornalistas, escritores, em concordância com o projeto de modernização da cidade, faziam apologia a esses ideais. A cidade doente, suja, de aspecto colonial, cedeu lugar à cidade moderna, receptiva aos imigrantes, ao capital estrangeiro. As notícias, nos jornais, estampavam fotografias das grandes reformas, construção de edifícios suntuosos, e, nas crônicas, eram exaltadas as conquistas alcançadas pela cidade no plano urbanístico. Ser moderno era identificado como ser civilizado, cosmopolita, ou seja, estar atualizado com o mundo. A cidade passa a ser o grande tema e o centro urbano é visto como pólo da cultura e fermentação de novas idéias.

Nas revistas ilustradas, através das seções de humor, das fotografias, das caricaturas, os editoriais são escritos fazendo referências às novidades. São encontradas: *Revista da Semana*, *Kosmos*, *Rua do Ouvidor*, *Fon-Fon* etc. A proposta de “ser moderno” está presente em quase todos os editoriais.

As tentativas de fazer do Rio de Janeiro uma cidade européia, apagando suas referências e valores, foram descritas pelo escritor Lima Barreto, em crônica publicada na revista *Careta*, em 1921: “Vê-se bem que a principal preocupação do atual governador do Rio de Janeiro é dividi-lo em duas cidades: uma será a européia e a outra a indígena”.

No processo de remodelação e saneamento do Rio de Janeiro foram construídos os primeiros monumentos voltados à realização dos ideais modernistas. Foram empreendidas obras de reforma do cais do porto e abertas novas avenidas. Uma das mais importantes ocorreu em 1904, com a inauguração da Avenida Central. Sua suntuosidade era acentuada pelas fachadas em arquitetura eclética, oferecendo um cenário para o desfile ostensivo da nova sociedade e promovendo o consumo nas grandes lojas abertas na avenida. Constituiu-se um lugar das grandes corporações: bancos, jornais e sedes de grandes empresas.

Aproveitando das obras de modernização do governo Rodrigues Alves (1902–1906), com o programa de remodelação urbana e de saneamento da capital da República, Manuel Cícero solicitou, nos primeiros relatórios de sua gestão, ao governo federal um novo prédio para a Biblioteca Nacional.

A Bibliotheca Nacional de Buenos Ayres acaba de se instalar num vasto e sumptuoso edifício que começado a construir para outro fim foi apropriado às suas necessidades. (...) E porque não reclamar para a Bibliotheca Nacional do Brasil, a instalação que lhe é devida e cuja necessidade é reconhecida pelos poderes públicos há cerca de trinta anos? (BIBLIOTECA NACIONAL, 1902, p.391)

Em 1903, obteve a consignação de verba para construção do novo prédio e se empenhou na pronta execução da obra. Viajou à Europa e aos Estados Unidos para conhecer as bibliotecas desses países e adaptar a construção do novo edifício da Biblioteca Nacional ao que tinha de mais moderno. Nessas visitas, teve acesso a vários móveis modernos, como o *book-carrier* utilizado na Biblioteca de Washington, que trazia os livros para a sala de leitura, de onde eram distribuídos aos leitores. Isso vinha de encontro à política adotada por Rodrigues Alves, que visava promover um projeto modernizador nas instituições públicas.

O prédio atual da BN teve sua pedra fundamental lançada em 15 de agosto de 1905, “com toda a solenidade, e presentes o Presidente Rodrigues Alves e o Ministro J. J. Seabra” (BITTENCOURT, 1967, p.7). O projeto foi elaborado pelo General Francisco Marcelino de Souza Aguiar e a sua execução realizada pelos engenheiros construtores Napoleão Moniz Freire e Alberto de Faria, que procuraram integrar o novo prédio a arquitetura da recém-aberta Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco, seguindo os ideais propostos pela reforma do governo Pereira Passos.

A imprensa que acompanhava a remodelação da cidade, através das crônicas de seus escritores, denunciando ou aplaudindo as transformações por que passavam a cidade diante das reformas, acabava dando destaque à monumentalidade do prédio. A suntuosidade do prédio da BN e a figura de Manuel Cícero foram citadas em alguns periódicos da época: A imprensa da época noticiava a inauguração do novo prédio e destacava:

Neste dia festivo, lembrado seja o nome do modesto e infatigável funcionario que se acha à testa daquelle departamento do serviço público, o Dr. Manuel Cícero Peregrino, aquem se deve, em grande parte, a iniciativa, e uma colaboração inteligente e efficaz, na obra majestosa que hoje se inaugura. (CORREIO DA MANHÃ, 29/10/1910, p.3)

Manuel Cícero acreditava que sua missão pública não deveria estar restrita apenas à construção de um novo prédio; deveria concretizar-se também em reformas administrativas. Através do regulamento aprovado pelo decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911, criou um Conselho Consultivo, os deveres dos diretores, o cargo de diretor-geral da Biblioteca, o aperfeiçoamento dos servidores, as conferências.

Propunha, ainda, a criação de um Instituto Bibliográfico Brasileiro, que iria como objetivo divulgar o acervo da Biblioteca, visando estabelecer intercâmbio com as instituições culturais do Brasil e do exterior. O referido Regulamento recomendava que a Biblioteca tomasse a iniciativa de fazer um levantamento das coleções bibliográficas existentes no País, para serem reunidas em um único catálogo, do qual seria enviada cópia ao Instituto Internacional de Bibliografia de Bruxelas. Para Edson Nery (1957, p.98), “Manuel Cícero foi um autêntico precursor brasileiro da Documentação, um homem com a visão profética de Paul Otlet e Henri La Fontaine”.

Com o decreto, o registro das obras literárias, artísticas e científicas, que estava sob a guarda da BN, atribuída pela lei de 1/10/1898, conhecida como Lei Medeiros, foi alterado. Além do envio dos exemplares do que era editado no Distrito Federal, ficavam as demais instituições brasileiras responsáveis em cumprir essa legislação, porque “seria a maneira da Biblioteca Nacional, que representava o Brasil, ser um registro fiel e geral do que se editasse no país”. Com o cumprimento desse decreto¹, ficava caracterizada a Biblioteca como um lugar de preservação do patrimônio bibliográfico brasileiro.

Preocupado com a capacitação de seus funcionários, instituiu os cursos técnicos para formação e aperfeiçoamento dos bibliotecários, criando, em 1911, o primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, na própria BN. Atualmente, esse curso é mantido pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Além de diretor da BN, Manuel Cícero desempenhou atividades como: diretor da Diretoria-Geral da Instrução Pública Municipal (1917), prefeito interino do Distrito Federal (1918), diretor da Propriedade Industrial (1924), diretor interino do Departamento Nacional do Ensino (1927), reitor da Universidade do Rio de Janeiro (1926).

Faleceu no Rio de Janeiro, em 1956, deixando como publicações: *A Justiça Penal entre os Romanos* (1895), *Da admissibilidade da prescrição em matéria pena* (1896) *Catálogo Geral da Biblioteca de Direito do Recife* (1896), *O patriarca dos jornalistas*

¹ Foi mais tarde alterado pela lei n.10.994, de 14/12/2004, conhecida como Lei do Depósito Legal.

brasileiros (1923), Pernambuco e a Confederação do Equador (1924), Apontamentos sobre as primeiras relações diplomáticas entre a República do Peru e o Império do Brasil (1925).

Segundo Bittencourt Silva (1967, p.145), “Entre Manuel Cícero e a Biblioteca houve afinidade: ele tem especial compreensão a respeito dela, tem intuição daquilo em que ela podia se tornar ampliando-se. A Biblioteca então é ele, é ele que se projeta na renovação do serviço público”.

Enfim, na sua trajetória profissional, Manuel Cícero foi um grande administrador público, promovendo ações de relevante interesse coletivo identificadas com a preservação da memória cultural do país:

A Biblioteca Nacional, na posição de mais importante acervo do país, herdeira de um patrimônio real e imperial, instalada num edifício especialmente construído para seu acervo e dirigida por um dos maiores administradores que já passaram pela instituição, Manuel Cícero, tornou-se credora da confiança dos homens públicos e de cultura que continuaram desta data em diante a prestigiá-la, enriquecendo-a de valiosos tesouros bibliográficos. (CUNHA, 1980, p.167)

Referências bibliográficas:

BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). *Relatório de gestão: Manuel Cícero Peregrino da Silva*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v.23, 1901.

_____. _____. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v.24, 1902.

BITTENCOURT, Feijó. *Vida de Manuel Cícero Peregrino da Silva*. Rio de Janeiro: MEC/SD, 1967.

BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio/ Pro Livro, 1975.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CUNHA, Lygia Fonseca F. da. O acervo da Biblioteca Nacional. In: *Brasil 1900-1910*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1980. p.143-168.

FONSECA, Edson Nery da. Desenvolvimento da biblioteconomia e da bibliografia no Brasil. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n.5, p.95-124, mar. 1957.

MICELLI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: FBN/DNL, 2001.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: traumas e quixotes*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.